

DESAFIOS DA AGENDA 2030 E OS 17 ODS PARA JORNALISMO E COMUNICAÇÃO

[DOSSIÊ]

Ivone Rocha

Universidade Federal de Santa Catarina

Rita Paulino

Universidade Federal de Santa Catarina

Fabiana Piccinin

Universidade Federal de Santa Catarina

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo visa apresentar os resultados da disciplina Jornalismo Online e Plataformas Digitais, da Universidade Federal de Santa Catarina, que em 2022 trabalhou o plano de aulas focado na Agenda 2030. No período, foi desenvolvido um método para produção e apresentação dos trabalhos, dividido em três etapas: conhecimento da Agenda 2030; formação extracurricular sobre o tema; e produção efetiva de conteúdo e publicação em ferramenta digital pelos estudantes. O objetivo foi promover uma reflexão, a partir da metodologia teórico-prática, sobre o papel dos futuros jornalistas em relação às metas dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), assumidos como compromissos pelos países integrados à Organização das Nações Unidas (ONU). Como objetivos específicos, o artigo se debruça na relevância do papel social do jornalismo, na sustentabilidade em seu contexto e na relação da Agenda 2030 com a produção do conteúdo, a partir da narrativa jornalística em ambiência digital.

Palavras-chave: Jornalismo online. Plataformas digitais. Agenda 2030. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

This study aims to describe the results of the Online Journalism and Digital Platforms course at the Federal University of Santa Catarina, which, in 2022, worked on a lesson plan focused on the 2030 Agenda. During this period, a method for producing and presenting work was developed and divided into three stages: learning about the 2030 Agenda; extracurricular training on the subject; and effective production of content and publication in a digital tool by students. The course aimed to promote reflection based on the theoretical-practical methodology on the role of future journalists regarding the goals of the 17 Sustainable Development Goals (SDGs), taken as commitments by the countries integrated into the UN. As specific objectives, this study focuses on the relevance of the social role of journalism, on sustainability in its context, and on the relationship between the 2030 Agenda and the production of content based on journalistic narrative in a digital environment.

Keywords: Online journalism. Digital platforms. 2030 Agenda. Sustainable Development Goals.

Este artículo tuvo como objetivo presentar los resultados de la asignatura Periodismo en línea y plataformas digitales de la Universidad Federal de Santa Catarina, que en 2022 trabajó en sus clases el tema de la Agenda 2030. Durante este período, se desarrolló un método para la producción y presentación de trabajos, dividido en tres etapas: conocimiento de la Agenda 2030; formación extracurricular sobre el

tema; y producción efectiva de contenido y publicación en una herramienta digital por parte de los estudiantes. El objetivo fue promover una reflexión, a partir de la metodología teórico-práctica, sobre el papel de los futuros periodistas en relación con las metas de los 17 Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), asumidos como compromisos por los países integrados a la Organización de las Naciones Unidas (ONU). Como objetivos específicos, este artículo se centró en la relevancia del papel social del periodismo, en la sostenibilidad en su contexto y en la relación de la Agenda 2030 con la producción de contenido en un entorno digital.

Palabras clave: Periodismo en línea. Plataformas digitales. Agenda 2030. Objetivos de Desarrollo Sostenible.

Introdução

É próprio da prática jornalística dar eco ao posicionamento das pessoas, seja individualmente ou em grupo, utilizando para isso um aparato tecnológico que a torne soberana, tal como a verdade (Marcondes Filho, 1986). O desenvolvimento sustentável, previsto no conjunto dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que compõem a Agenda 2030, tem sido apresentado como o que deve ser o norte das políticas ambientais mundiais. O documento está voltado à regularização de normas e regras de produção e de consumo (Canelas, 2004), que dependem, sobretudo, da disseminação de novos padrões como forma de promover a transformação da sociedade, priorizando esse tipo de desenvolvimento. E é nesse contexto que o jornalismo vem se instituir como um dos articuladores fundamentais no movimento, ao ser responsável, como mediador da realidade, pela socialização e conscientização sobre as intenções de âmbito global da Agenda nos diferentes países.

Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo de trazer a discussão sobre a contribuição estratégica do Jornalismo ao cumprimento dos ODS a partir da ampliação do conhecimento dos estudantes e egressos do curso sobre os objetivos, definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) com 193 países, entre os quais o Brasil. Isso porque o Jornalismo, ao mesmo tempo em que atua a partir de grandes forças econômicas e sociais, também tem sua devida voz em grupos políticos e organizações de poder, como lembra ainda Marcondes Filho (1986). Para Gern e Lima (2018, p. 25), “o ponto de partida está na necessidade de os jornalistas

compreenderem o que, de fato, é entendido como ‘meio ambiente’ e ‘Jornalismo Ambiental’, as suas interações com a sociedade e a urgente necessidade de debate sobre o tema”.

Para tanto, os estudantes da disciplina Jornalismo Online e Plataformas Digitais, oferecida no segundo semestre de 2022 para alunos do 5º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), participaram de formações por meio de palestras com jornalistas reconhecidos pela expertise na área de cobertura relacionada aos 17 ODS, além de cursos com agentes locais vinculados à Agenda. Ao final do período de aulas da disciplina, apresentaram os trabalhos produzidos. A partir das ideias que serviram de provocação à estruturação da disciplina, desenvolvemos um método de discussão sobre os pressupostos teóricos que fundamentaram o jornalismo online e a subsequente construção de narrativas digitais disso resultantes.

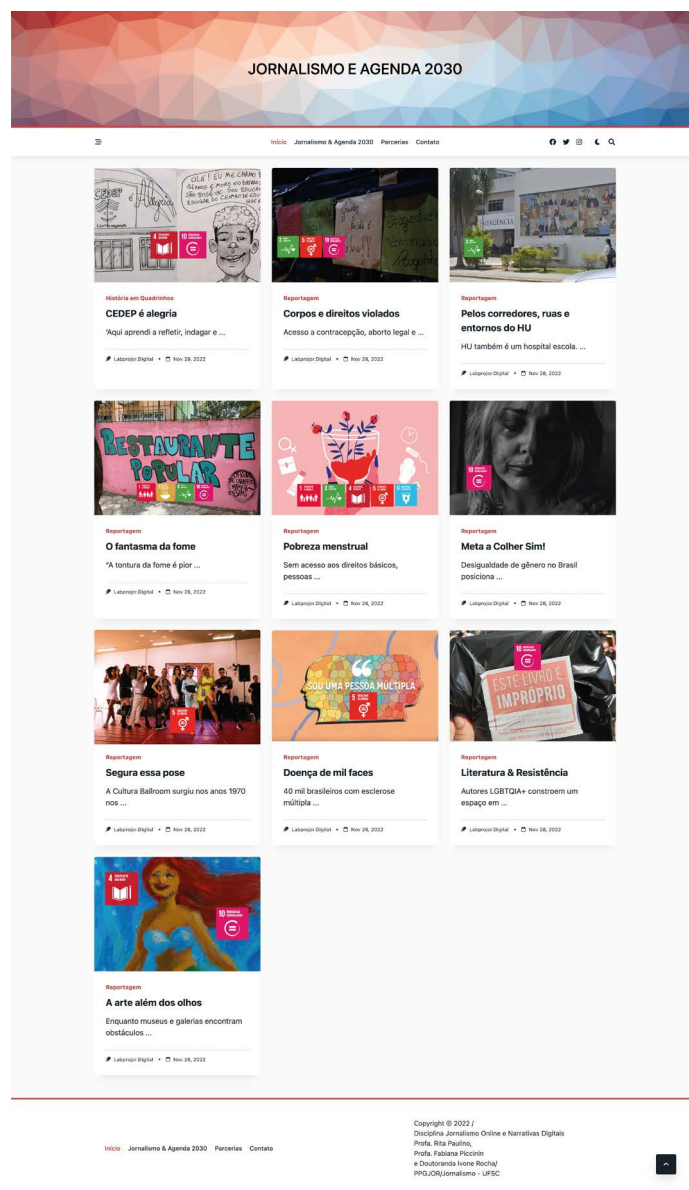
O trabalho, então, foi dividido em três etapas. A primeira, de conhecimento e entendimento da Agenda 2030, incluindo uma formação gratuita extra universidade. A segunda envolveu a apresentação de projeto desenvolvido por pesquisadores do centro de pesquisas Capacitação e Estudos Urbanos e Regionais para a Sustentabilidade (CEURS)¹, ligado à UFSC. E a terceira se concentrou na produção de conteúdo e publicação em ferramenta digital escolhida pelo estudante. A partir daí, passou-se a discutir e tratar da Agenda 2030 como histórico e

¹ Disponível em: <https://tinyurl.com/wfwb9ee5>. Acesso em: 26 abr. 2024.

conceito para, a partir de então, planejar a concepção de narrativas *longform* que, de algum modo, em suas propostas de pauta, dialogassem cada uma com pelo menos um dos 17 ODS. O trabalho subsequente foi criar as condições para a produção das reportagens multimídia, discutindo linguagem, formato e gramática narrativa, conforme

a proposta da disciplina, ao mesmo tempo em que os alunos eram sensibilizados para as causas envolvidas na Agenda. Após a apresentação e entrega do material, a coordenação da disciplina organizou todos os trabalhos em um único site, em blocos, cada um com sua respectiva imagem e a indicação do ODS relacionado.

[Figura 1]
Tela da homepage do site Jornalismo e Agenda 2030²



2 Disponível em: <https://labprojor.digital/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Na análise dos trabalhos apresentados, identificamos alguns gargalos na experiência em sala de aula na produção de reportagens jornalísticas, são elas: **Superficialidade na cobertura** – contextualizavam de maneira superficial, muitas vezes sem citar as metas dos ODS e sem aprofundar as causas, desafios e impactos reais sobre o meio ambiente; **Falta de contextualização global** – a mídia muitas vezes não contextualiza os problemas locais como parte de desafios globais interconectados, não enfatizando a dimensão global dos problemas; e **Responsabilidade cidadã desconsiderada** – mencionar a Agenda 2030 não é suficiente para promover a conscientização, uma vez que muitos consumidores de notícias podem não entender totalmente as implicações e a relevância pessoal. Por isso, é fundamental, além de relacionar o problema aos ODS, conectá-lo à realidade do público.

O papel social do jornalismo

Quando Deuze e Witschge (2015), ao mencionarem Schudson e Meijer, respectivamente, afirmam que o jornalismo produz e divulga informações de interesse público, permitindo que os cidadãos ajam como tal, deixa um tanto claro de que se trata de um campo do saber de interesse das coletividades, em que o acesso à informação, como direito, é a garantia da conquista da cidadania. Assim, ao levar informação de interesse e benefício do cidadão, investiga, analisa, apresenta os lados envolvidos e os publiciza, contribuindo decisivamente para a promoção da democracia. Nessa

perspectiva, o jornalista é o profissional encarregado de prover e fazer a curadoria de informações transformadas em notícias, a fim de criar a agenda pública e, dessa forma, se constituir nesse agente mediador da realidade. O jornalismo, portanto, é uma práxis, e o jornalista o mediador, o mensageiro, o sujeito crítico que atua no cotidiano (Genro Filho, 1987). Se ele é a ponte entre os poderes e a sociedade, então os problemas do mundo não podem ser resolvidos sem a sua contribuição.

Foi a partir da assunção do papel social do jornalismo que Mark Paillet (1986) o classificou como o “quarto poder”, depois dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário de uma nação. Quando o jornalista decodifica ao público as questões de ordem econômica, política e social, está ajudando as pessoas a entenderem o mundo ao seu redor e a tomarem decisões fundamentadas na realidade contemporânea. Para uma reportagem, que é o produto desenvolvido pelo jornalismo, “o enviado especial e o correspondente particular de um jornal, de um periódico, de uma rádio constituem uma resposta global a um problema [também] global” (Paillet, 1986, p. 75). Na sua visão, quando o jornalista passa uma mensagem ou uma informação, dá seu ponto de vista e leva em consideração as características do destinatário, assumindo aí sua responsabilidade no conhecimento público.

Esse conceito de mediador se assemelha à função de professor (e educador). Cada um, com seu público específico, leva informações e notícias que julgam ser necessárias ao conhecimento de suas audiências, a partir de uma conexão com determinado contexto. Enquanto o jornalista se vale da tradução da linguagem

hermética em linguagens de consenso para levar um fato ao público, muitas vezes trazendo a memória e o conceito histórico, o professor decodifica o conteúdo de seu campo de conhecimento para a compreensão do aluno. Ambos, portanto, contribuem para a formação da opinião e visam promover as condições para o exercício da cidadania.

Segundo o manual do jornal Folha de S.Paulo (Folha Online, 1996), são cinco os critérios para definir a importância da notícia: 1. **ineditismo** – é mais importante do que o que já foi publicado em outros lugares; 2. **improbabilidade** – o que é menos provável desperta mais a atenção do leitor; 3. **interesse** – chama a atenção a notícia que mais afeta quem a consome; 4. **apelo** – a notícia deve despertar a curiosidade; e 5. **empatia** – quanto mais pessoas se identificarem com o personagem e a situação da notícia, mais valorizada ela é. Também Bucci (2000) trata da função social do jornalismo como um conceito central. Entende que esse campo do saber desempenha um papel muito importante como veículo para a construção da cidadania e a manutenção da democracia. Entre os destaques apontados por ele que caracterizam a função social desse profissional, estão: **democracia e informação** – sendo o jornalismo o pilar da cidadania ativa, na sua opinião; e **papel de vigilância** – atuando como um protetor da sociedade contra abusos de poder e de corrupção. “No limiar das democracias modernas, ganhou corpo, legitimidade e lugar social o espírito que ainda hoje anima a imprensa” (Bucci, 2000, p. 10).

O argumento para atuar no campo lógico da realidade dominante é que essa atitude dá segurança ao jornalismo no

tocante ao seu modo de conhecimento e no que se refere à sua fragilidade ou à sua força (Meditsch, 1997). O jornalismo é frágil quando se refere ao método analítico, e é forte em relação às noções pré-teóricas que tratam da realidade do público. Quanto ao conhecimento, na visão do autor, é menos rigoroso do que outra ciência, nem por isso deixa de ser original. O factual dessa linguagem ocorre por meio de “processos pedagógicos específicos”, lembra o autor. Essa decodificação ocorre pelo jornalismo e pelo processo de ensino. É o que se nota ainda no pensamento de Meditsch (1997, p. 7):

Já o ideal de universalidade do Jornalismo caminha em outra direção. O auditório universal que idealmente persegue refere-se a uma outra rede de circulação de conhecimento, constituída pela comunicação para devolver à realidade a sua transparência coletiva. É uma universalidade de fato, embora precária, porque só estabelecida institucionalmente de forma indireta e imperfeita, tal e qual o espaço público pressuposto pelo ideal democrático que a precede e a requer. Sua amplitude é também limitada em outra direção, a intenção do emissor na delimitação do universo do público-alvo.

Assim, abordar sustentabilidade, Agenda 2030 e com ela os ODS requer muito mais do que campanhas publicitárias. É preciso que o tema entre para a agenda pública, que faça parte do dia a dia das pessoas e que seja classificado como prioridade para a qualidade de vida do presente e do futuro. E que se possa compreendê-lo dentro de contextos específicos, nos processos de desenvolvimento humano que, “necessariamente, passam pela apropriação ou

internalização das significações das relações sociais e das produções culturais que permeiam as experiências do sujeito desde seu nascimento” (Setton; Rego; Pereira, 2023, p. 11).

Tanto o jornalismo quanto a educação podem ajudar a salvar o planeta, por disporem das devidas competências para formar cidadãos (caso da educação) e formar opiniões (caso do jornalismo). No campo da educação, Lucci (2006) lembra Vigostki, para quem são as interações do indivíduo no seu contexto histórico e cultural que promovem o seu desenvolvimento e a construção do conhecimento. Isso também é defendido por Freire (2014, p. 35): “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Da mesma forma, essa reflexão se faz necessária em relação à sustentabilidade. Daí a importância de tratar o tema em sua práxis no ambiente de ensino.

Para Traquina (2005), há alguns conceitos-chave basilares à práxis jornalística. O primeiro é a **produção de notícias**, considerada a atividade central do jornalismo. O segundo é o **gatekeeping**, relativo à coleta, seleção e edição do conteúdo de acordo com o valor-notícia. O terceiro trata dos **critérios de noticiabilidade**, que se referem a relevância, proximidade, impacto, atualidade, conflito e interesse humano. O quarto seria a ética e responsabilidade, relativas a aspectos como imparcialidade, precisão e responsabilidade social. O quinto conceito é apontado como a **mediação da informação**, por meio da qual o jornalista traduz para a linguagem de seu público os fatos relativos aos temas trabalhados. **Jornalismo como serviço público** vem em sexto lugar, e se destaca por sua

função social, sendo um serviço público voltado aos interesses da sociedade democrática. Na sequência, Traquina aponta a **convergência de mídia**, pensada a partir das diferentes formas e tecnologias midiáticas, como a impressa, radiofônica, televisiva e a digital. Por último, aborda **mudanças na indústria de mídia**, com o olhar para a digitalização e as pressões do mundo capitalista que afetam diretamente a prática jornalística. Outro conceito mais recente é o **gatemwatching**, responsável pela seleção de notícias a serem publicadas, avisando o leitor quando o conteúdo estiver disponível (Cunha et al, 2018).

Sustentabilidade na formação do jornalista

Ao pensar o papel do ensino de jornalismo e dos jovens egressos da escola básica em direção à sua formação como profissionais de comunicação, compreende-se que essa dinâmica vai se constituir nos “principais meios que promovem mudanças no comportamento da humanidade” (Monteiro, 2015). E, dessa maneira, ser jornalista exige qualificação especial para produzir conteúdo sobre desenvolvimento humano, meio ambiente e sustentabilidade.

Entende-se, assim, a importância de defender a inclusão de conteúdos associados a esse tema para que reverbere no cotidiano do profissional, desde o ensino de graduação em jornalismo e, por extensão, na sociedade em geral. Dessa forma, é possível enxergar a sustentabilidade de forma ampla, envolvendo tanto

aspectos do ecossistema ambiental quanto das questões socioculturais, políticas e econômicas, já que são assuntos debatidos em todas as instâncias, por nortear a qualidade de vida de todos os seres do planeta. “Alinhada aos valores éticos, à justiça social e à liberdade, a comunicação para a sustentabilidade promove a conscientização dos indivíduos para os riscos ao consumo inconsciente, ao desperdício das riquezas naturais e à desigualdade social” (Monteiro, 2015). Isso é mais do que apresentar o jornalismo ambiental, refere-se à discussão de novas formas de vida, de transformações sociais e culturais, de mudança de pensamento e de postura de cada indivíduo e de seus respectivos grupos.

No mundo dos negócios, a sustentabilidade também é tema emergente. Em 1997, surge a Global Reporting Initiative (GRI) (Relatório de Sustentabilidade), uma das iniciativas pioneiras que ajudaram as empresas em suas divulgações não financeiras (Buhagiar, 2023). Em 2004 surgiu a sigla ESG, Environmental, social and corporate governance, que consiste em critérios ambientais, sociais e de governança a serem adotados por organizações com a finalidade de promover práticas sustentáveis e éticas. Hoje, mais de 90% das maiores empresas do mundo utilizam o padrões GRI para relatórios sobre seu desempenho ESG (Buhagiar, 2023).

Ou seja, a responsabilidade do jornalismo vai muito além da notícia ou da reportagem, representa participar de um processo de reconstrução social. Se considerarmos o cenário econômico mundial, a precarização da atividade jornalística, com o enxugamento de quadros profissionais das grandes empresas de mídia e o volume

de fontes de informação, vamos perceber que o desafio é muito grande. Holanda, Kääpä e Costa (2022, p. 3) lembram que “os jornalistas ambientais, muitas vezes, necessitam de mais tempo, além de uma infraestrutura dispendiosa, para produzir reportagens especializadas”. São obstáculos importantes que precisam ser superados para não tornar as reportagens ligadas ao meio ambiente caras e inviáveis às empresas de mídia, um problema que também deve ser discutido pela universidade com o mercado de notícias.

O caminho da sustentabilidade

Os riscos do uso inadequado da natureza vêm sendo observados desde o século XVIII, com a Revolução Industrial, quando passaram a ser empregadas na produção fabril matérias-primas não renováveis, como ferro, aço etc. para atender a uma demanda que se iniciava e que seria suprida pela produção em série. No entanto, foi a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, com os territórios devastados pelo conflito, que se pôde perceber as ameaças do desenvolvimento, promovido, em boa parte, sem o necessário ajuste e/ou planejamento. O emprego da tecnologia se revelou urgente, assim como a produção em grande escala. Na ânsia de atender a necessidades de consumo e garantir o lucro, o homem deixou a natureza em segundo plano (Carvalho, 2019).

Os resultados dessa investida vêm sendo sentidos ano após ano, “e as possibilidades de impacto sobre a saúde e o meio

ambiente são imensas e até imprevisíveis, todavia, sendo previsível a insustentabilidade de semelhante forma civilizatória se mantidos os atuais padrões de produção e consumo” (Franco; Druck, 1998, p. 63). Segundo os autores, a indústria definiu seu espaço e se estabeleceu nos campos de produção. Com isso, levou ao desenvolvimento das cidades e à transformação da população rural para urbana.

Esse foi um assunto considerado pela ONU na década de 1970, ganhando destaque na Conferência de 1972, em Estocolmo, que teve como pauta o ambiente humano. Foi um momento em que se passou a discutir conceitualmente o desenvolvimento sustentável. Entrava em pauta a corrente de pensamento que visava promover as estratégias de ecodesenvolvimento a partir de uma nova abordagem, que se baseava no atendimento de necessidades de sobrevivência dos indivíduos, sobretudo das populações mais carentes, estabelecidas em países que se encontravam em fase de desenvolvimento (Carvalho, 2020). Foi então criada a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, cujas discussões duraram mais de dez anos.

Em 1983, a convite do secretário-geral da ONU, Javier Pérez de Cuéllar, a médica norueguesa Gro Harlem Brundtland passou a presidir a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Ela, que também foi a primeira-ministra da Noruega (1986-1996), apresentou na Conferência de abril de 1987 o relatório denominado *Nosso Futuro Comum*, que descreve que “o desenvolvimento sustentável é o que encontra as necessidades atuais, sem comprometer a habilidade das futuras

gerações de atender suas próprias necessidades” (ONU BRASIL, 2020).

O documento, também conhecido como Relatório Brundtland, reconhece que onde há pobreza e desigualdade haverá sempre crises ecológicas, e que a solução estaria em ações coletivas. Assinala ainda que o desenvolvimento sustentável deve estar em consonância com os sistemas naturais que asseguram a vida na terra, como o ar, a água, o solo e os seres vivos, ou seja, os que atendem “às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991).

Ainda na trilha da sustentabilidade, em 1994 outro relatório da ONU, denominado *An Agenda for Development*, lança cinco dimensões para o desenvolvimento. A primeira traz a paz; a segunda aponta a economia como motor do progresso; a terceira se relaciona ao ambiente; a quarta traz a justiça como pilar da sociedade; e a quinta assinala a democracia na governança de ações sustentáveis (ONU, 1994). O ponto alto desse relatório é a atenção que chama para o desenvolvimento visto como um direito humano fundamental. O documento assinala:

As nações mais pobres estão ficando cada vez mais para trás. Aquelas que estão passando da transição de economias planejadas para economias de mercado enfrentam enormes dificuldades. Aquelas que alcançaram a prosperidade percebem que seu sucesso vem acompanhado de uma nova série de problemas de ordem social, ambiental, cultural e econômica, fazendo com que muitas delas

hesitem em seguir adiante com suas políticas de assistência em níveis anteriores³ (ONU, 1994, p. 3. Tradução nossa).

Em 1995 houve a Cúpula Mundial em Copenhague, dando encaminhamento ao desenvolvimento social. Dois anos depois foi assinado o Protocolo de Kyoto (cidade do Japão), um acordo de cooperação internacional para a redução da emissão de gases do efeito estufa, como forma de conter as mudanças climáticas que já se apresentavam. Ficou conhecido como COP3. Ainda em 1997, na Cúpula da Terra+5, houve um encontro especial da ONU para revisar e avaliar a implementação da Agenda 21, que estabelecia os primeiros oito objetivos do desenvolvimento sustentável para o novo século: 1. por um fim à fome e à miséria do mundo; 2. educação básica e de qualidade para todos; 3. igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres; 4. reduzir a mortalidade infantil; 5. melhorar a saúde das gestantes; 6. combater a aids, malária e outras doenças; 7. garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente; e 8. estabelecer parcerias para o desenvolvimento (ODM Brasil, 2013). Já no século XXI, até a Conferência de Nova York, em 2015, houve, entre outras, a Rio+10, em Joanesburgo, em 2002; a Jornada Mundial, em 2005, na Alemanha; e a Rio+20, no Rio de Janeiro, em 2012.

³ No original: “Las naciones más pobres se quedan cada vez más atrás. Las que viven la transición de las economías dirigidas a las economías de mercado hacen frente a enormes dificultades. Las que han llegado a la prosperidad ven que su éxito va acompañado de una nueva serie de problemas de orden social, ambiental, cultural y económico, por lo que muchas de ellas sienten renuencia en cuanto a llevar adelante sus políticas de asistencia al nivel de otrora”.

A Cúpula do Desenvolvimento Sustentável, da ONU, foi criada em 2015. Dela surgiu a Agenda 2030, elencando os 17 ODS, contemplando as 169 metas a serem cumpridas até 2030 e assumidas como compromisso mundial pelos países, com vistas a erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e promover vida digna para todos em seus ecossistemas. No Brasil, para trabalhar esses objetivos, o governo Dilma (2015-2016) criou, por meio do Decreto n. 8.724, de 28 de abril de 2016, um grupo de trabalho interministerial composto por membros do Poder Executivo Federal, dos Estados e dos Municípios, além de membros da sociedade civil, movimentos sociais, setor privado e academia (Carvalho, 2020). O grupo veio pautando seu trabalho na grande novidade implementada especialmente a partir da Agenda 2030, cujo foco foi a preocupação com o local a partir do global, ou seja, pensar a sustentabilidade mundial com ações locais, começando pelas cidades.

A Agenda 2030 e a importância da divulgação jornalística

Há menos de uma década de sua *deadline*, a chamada implementação dos ODS encontra diversos obstáculos. Entre esses estão a falta de unidade de interpretação de suas metas, a dificuldade de adaptação a políticas já existentes, bem como a de se compatibilizar as estruturas administrativas municipais (Lindborg, 2019). Esses desafios se complexificam quando se evidencia a ausência dos ODS também em uma perspectiva midiática, especificamente

jornalística, por conta da ausência da promoção do agendamento público das discussões.

Foi com base nessas preocupações, de conscientizar os jornalistas sobre a importância e divulgar os ODS e promover seu debate, que surgiu a proposta adaptada a essa temática para a disciplina de Jornalismo Online e Narrativas Digitais da UFSC. Buscou-se aqui a articulação dos conhecimentos teóricos e práticos associados ao jornalismo online, investindo na construção de experiências de pesquisa aplicada à produção das reportagens que se vinculassem jornalisticamente aos ODS.

O resultado foi a produção, edição e publicação de dez reportagens dispostas no site **Jornalismo e Agenda 2030**. O objetivo do **exercício de pesquisa aplicada em sala de aula** foi despertar para a consciência da preservação do planeta e de todos os demais temas a isso associados, a partir de atitudes socialmente responsáveis, tornadas compromisso pelos países associados à ONU, corroborando a transformação cultural com a melhoria da qualidade de vida das gerações futuras. Para tanto, evidenciamos nas reflexões com os alunos o papel do Jornalismo como agente fundamental para a promoção do debate público (Marcondes Filho, 2000) em sociedades democráticas, bem como na colaboração para a construção de políticas públicas com vistas à Agenda 2030. Dadas as reflexões promovidas em sala de aula, os alunos foram convidados a fazer a capacitação sobre a Agenda 2030 ofertada de forma remota e gratuita pela Prefeitura de Florianópolis. Além disso, tivemos a participação de portais de notícias que trabalham nessa perspectiva de vinculação de todos os conteúdos com os ODS como prática corrente nas suas rotinas

produtivas. Desse momento, então, partimos para a discussão das pautas e produção dos conteúdos que integraram o portal **Jornalismo e Agenda 2030**⁴.

Método

Para implementar a Agenda 2030 no contexto local, Kanuri et al. (2016, apud Lindborg, 2019) apontam quatro etapas centrais: 1. Iniciar um processo inclusivo e participativo de localização dos ODS; 2. Definir a agenda local dos ODS; 3. Planejar a implementação dos ODS; e 4. Monitorar o progresso dos ODS.

Por outro lado, sabe-se que a pesquisa aplicada se caracteriza por seu interesse prático, de que os resultados sejam aplicados ou utilizados (Marconi; Lakatos, 2017). Nesse sentido, dada a formação teórica sobre o tema da Agenda 2030, pautou-se também a produção de narrativas jornalísticas em um formato online, pela possibilidade que sua natureza convergente tem de reunir várias características capazes de qualificar esses conteúdos, ao mesmo tempo em que permite a socialização de todos, de modo a chegar e contribuir para o debate público.

4 O site foi produzido para reunir os trabalhos desenvolvidos pelos alunos na disciplina, sob coordenação das professoras Rita Paulino e Fabiana Piccinin e pela doutoranda, estagiária discente, Ivone Rocha, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da mesma universidade.

[Tabela 1]
ODS contemplados na Agenda 2030

ODS	Descrição do objetivo
1 - Erradicação da pobreza	Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
2 - Fome zero e agricultura sustentável	Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
3 - Saúde e bem-estar	Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades
4 - Educação de qualidade	Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos
5 - Igualdade de gênero	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
6 - Água potável e saneamento	Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todas e todos
7 - Energia limpa e acessível	Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos
8 - Trabalho decente e crescimento econômico	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos
9 - Indústria, inovação e infraestrutura	Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
10 - Redução das desigualdades	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
11 - Cidades e comunidades sustentáveis	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
12 - Consumo e produção responsáveis	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
13 - Ação contra a mudança global do clima	Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos
14 - Vida na água	Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
15 - Vida terrestre	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
16 - Paz, justiça e instituições eficazes	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
17 - Parcerias e meios de implementação	Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Fonte: ONU Brasil (2020).

O jornalismo online (Victor, 2020) apresenta a possibilidade de produção e análise de técnicas de texto e apuração, além de promover a discussão acerca

do desenvolvimento da opinião pública. E, com o mundo conectado, consegue explorar diferentes formatos, como vídeo, áudio, texto, infográficos, tornando sua narrativa

sedutora e dinâmica. Isso demonstra que “a narrativa jornalística não está fadada ao esquecimento da escrita, mas em constante processo de hibridação, o que exige do leitor um alto grau de conhecimento do ambiente digital para depois conseguir emergir no virtual e controlar os formatos e as mensagens” (Ferrari, 2012, p. 86-87).

Da mesma forma, também são os conteúdos acessíveis, por poderem ser usufruídos em distintos dispositivos móveis e portáteis. Não tem limitação de espaço e

tempo em textos e produções em áudio e vídeo, e ainda oferece, pela interatividade, um certo protagonismo ao público nas formas de consumo, bem como de participação na produção de conteúdo, por meio das práticas colaborativas. Desse modo, o jornalismo produzido na ambiência web tem potencial para produzir o engajamento necessário que causas como a Agenda 2030 vêm demandando, evidenciando que as reportagens multimídia, feitas para o portal, são um formato bastante adequado para o propósito aqui assumido.

[Tabela 2]
As fases das atividades

Etapas	Atividades
Primeira fase: Conhecimento da Agenda 2030	Os alunos participaram do curso gratuito de 10h oferecido pela UFSC, Municipalização da Agenda 2030, para conhecer os Objetivos Mundiais em relação à preservação do Planeta.
Segunda fase: Apresentação do Projeto Colabora	Palestra em sala de aula com pesquisadores de conteúdo jornalístico do CEURS e Projeto Colabora, que atuam diretamente na geração de conhecimento e divulgação da Agenda 2030.
Terceira fase: Produção	Produção de conteúdo jornalístico sobre Agenda 2030 e 17 ODS desde uma proposta editorial a isso associada.

Resultados

De forma individual ou em duplas, 16 alunos e alunas da disciplina produziram projetos em conteúdo jornalístico adequando-o a ferramentas digitais, com vinculação a um ou mais ODS.

Projeto 1: CEDEP é alegria, ODS 4 e 10

Por meio do depoimento de um aluno de 14 anos, no formato História em Quadrinhos, o trabalho destaca valores relacionados à educação de qualidade e redução das desigualdades. O jovem faz parte do

Cedep (Centro de Educação Popular) localizado em Florianópolis, Santa Catarina. É uma organização da sociedade civil que visa a formação de crianças, adolescentes e jovens com a perspectiva de promover a cidadania.

Projeto 2: Corpos e direitos violados, ODS 3, 5 e 10

O conteúdo destaca a importância da saúde, com orientações sobre como se prevenir de doenças e o uso de contraceptivos; destaca os direitos humanos de mulheres, meninas e crianças, relacionando aos ODS igualdade de gênero e redução das desigualdades; chama a

atenção para o combate ao estupro e reflexões sobre o aborto.

Projeto 3: Pelos corredores, ruas e entornos do HU, ODS 3

Nesse trabalho, a aluna de jornalismo mostra os espaços internos, na sua relação com o externo, do Hospital da Universidade Federal de Santa Catarina, que responde pelo atendimento médico da grande Florianópolis e capital, realizando mensalmente cerca de 180 procedimentos clínicos e cirúrgicos. Destaca ainda o atendimento profissional a estagiários de medicina, odontologia, biblioteconomia, engenharia biomédica, farmácia, nutrição, psicologia e social.

Projeto 4: O fantasma da fome, ODS 1, 2, 3 e 10

Para chamar a atenção para a erradicação da pobreza, combate à fome, saúde e redução das desigualdades, este trabalho mostra a relação da fome com diversos outros problemas enfrentados por cidadãos no Brasil e no mundo. Para isso, o ponto de partida é o depoimento da escritora negra Carolina Maria de Jesus, em seu livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960.

Projeto 5: Pobreza menstrual, ODS 1, 3, 4, 5 e 6

A relação entre um problema de higiene íntima da mulher e diversos outros problemas sociais é o que retrata o trabalho das duas alunas. Segundo elas, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) destaca que a pobreza menstrual é um fenômeno complexo, transdisciplinar e multidimensional, vivido por meninas e

mulheres, e que o acesso à higiene menstrual é considerado pela ONU questão de saúde pública e de direitos humanos desde 2014. Isso está relacionado a alguns objetivos, como combate à pobreza, cuidados com a saúde, educação de qualidade, igualdade de gênero e água potável.

Projeto 6: Meta a colher sim, ODS 10

A violência contra a mulher é outro tema importante apresentado em trabalho. Neste, chama a atenção a posição do Brasil, em 94º lugar no ranking de 146 nações listadas pelo Fórum Econômico Mundial que vive esse problema. Destaca que entre 2020 e 2021 cerca de 2.700 mulheres foram mortas “pela condição de menosprezo”, segundo dados do Anuário de Segurança Pública.

Projeto 7: Segura essa pose, ODS 5

A igualdade de gênero, que não por acaso está entre os ODS, é um tema muito presente em movimentos sociais do Brasil e do mundo. Para tratar desse tema, o estudante de jornalismo traz a Cultura Ballroom, um movimento de apoio às comunidades negra e LGBTQIA+, que, por meio de espaços voltados a esses públicos, traz a diversão por meio da dança.

Projeto 8: Doença de mil faces, ODS 3

Por viver o problema da esclerose múltipla na família e acompanhar o dilema vivido por inúmeras outras pessoas, a aluna trouxe o tema para o trabalho jornalístico na perspectiva do objetivo ODS Saúde e Bem-Estar. Ela destaca que 40 mil brasileiros carecem de políticas públicas e

visibilidade para o tratamento e a convivência de doentes e familiares com essa enfermidade.

Projeto 9: Literatura & Resistência, ODS 10

A busca por igualdade de gênero foi o tema deste trabalho, que, por meio da literatura, inclusive do livro *Conectadas*, conseguiu encontrar a expressividade necessária para defender questões de identificação sexual. Afinal, muito diferente do que lhe foi apresentado na infância, os casais não precisam necessariamente ser representados por menino e menina ou homem e mulher.

Projeto 10: A arte além dos olhos, ODS 10 e 11

Por meio do projeto Cores da Arte, do cearense Nicandro Loiola Dias (Dias Brasil), o aluno destaca as oportunidades oferecidas a pessoas cegas, mostrando no trabalho a trajetória do artista, que conta com o apoio do Instituto de Cegos do Ceará

para a divulgação de suas obras. O trabalho colabora com quatro objetivos do desenvolvimento sustentável: a educação de qualidade, a busca por igualdade de gênero e por cidades e comunidades sustentáveis.

Sobre o produto desenvolvido

O site Jornalismo e Agenda 2030 teve como objetivo apresentar e dar acesso direto aos conteúdos produzidos pelos alunos de Jornalismo que abordaram os ODS. É multiplataforma, desenvolvido na Wordpress e hospedado no serviço da Hostinger, podendo ser acessado em celulares, tablets e desktops. Tem uma navegação com menu horizontal de contexto institucional, situado no topo da página e no rodapé. Os sites estão organizados em blocos, cada um apresenta uma imagem do próprio trabalho, indicando o ODS relacionado, um título e link para a reportagem ou conteúdo jornalístico.

[Quadro 1]

Ficha de Expediente

Endereço eletrônico: <https://labprojor.digital/>

Edição: Fabiana Piccinin, Rita Paulino e Ivone Rocha

Produção de conteúdo: Adriana Schmidt, Cintia de Oliveira e Anna Schmitt, Leticia Schlemper, Larissa Santos e Beatriz Rohde, Júlia Venancio Velho e Nathalia Goulart Melo, Ana Carolina Gouvêa e Ana Luisa Antonioli, João Wesley Araújo da Silva, Isabella Machado, Laura Miranda e a Ana Maria, Lucas Ortiz e Jullia Gouveia.

Desenvolvimento do site: Rita Paulino

Considerações finais

Dada a relevância do jornalismo na sociedade, tanto nas questões de ordem política, econômica e social quanto nas

transformações culturais, e tendo em vista a urgência do foco nos 17 ODS, é notória a necessidade de promover ampla discussão sobre a Agenda 2030 entre estudantes de jornalismo. E, mais do que isso, é importante situar esse futuro profissional no contexto

da sustentabilidade, já que ele será peça fundamental na disseminação do tema na sociedade, no sentido de quebrar paradigmas e instituir a devida consciência para ações sustentáveis.

Ao montar o plano de aula da disciplina, buscou-se justamente dar enfoque para o tema e propor aos alunos ferramentas digitais com conteúdo jornalístico que pudesse se vincular aos ODS. Depois de apresentados individualmente em sala de aula e publicados na plataforma Moodle, todos os trabalhos foram centralizados em um único site, desenvolvido pela professora Rita Paulino, a fim de dar mais visibilidade para o tema da Agenda e trabalhar os recursos e potencialidades da convergência.

A partir dos dez trabalhos expostos em sala e publicados, foi possível analisar o envolvimento dos estudantes com a problemática. Devido ao empenho dos alunos em buscar informações e experimentar o exercício da reportagem, notamos, conforme observado na experiência da sala de aula, que houve um avanço importante na familiarização com o tema, até então desconhecido. Essa aproximação aos ODS e à Agenda 2030 proporcionou os primeiros *insights* entre os estudantes, que foram provocados continuamente a pensarem a pauta, sua angulação e linguagem, sempre em conexão com os diferentes objetivos. Assim, houve um esforço da turma no sentido de buscar essa articulação entre as temáticas escolhidas e o encaixe a pelo menos um dos ODS, o que ficou evidente em cada produção. E esses podem ter sido os ganhos importantes do experimento didático, que os ajudou a compreender a existência da agenda e o imperativo de assumi-la na prática jornalística.

Por outro lado, apesar do avanço em saber sobre a Agenda e promover o debate sobre os ODS na relação com a pauta, observou-se que as produções sofreram em alguma medida com a superficialidade da cobertura. Os estudantes foram convidados a pensar com as professoras sobre as razões da falta de contextualização global que os textos apresentavam, ficando em muitas das vezes voltados para a perspectiva do local onde o fato elencado ocorria. Da mesma forma, percebeu-se que a responsabilidade cidadã se apresentou de forma tímida, sem que houvesse, em muitas reportagens, o efetivo vínculo do problema com os ODS e o não atendimento de um direito constitucional.

Isso demonstra que os futuros jornalistas ainda não estão preparados para tratar o tema entre os públicos, porque este é relativamente novo. Nesse sentido, evidencia-se o avanço em compreender a existência da agenda e a importância do jornalista em dominar essa dinâmica de articulação da pauta aos ODS. Do mesmo modo, verifica-se a necessidade de que o trabalho seja continuado e amadurecido, como movimento imprescindível para a melhoria da atuação do Brasil em seu compromisso com a ONU, bem como, por decorrência, para a melhoria também das condições de vida das pessoas e do planeta. ■

[**IVONE ROCHA**]

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POPGJOR-UFSC), professora universitária e integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Produção Hiperfídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor). Mestre em Políticas Públicas e graduada em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes, e especialista em tecnologia da informação. E-mail: ivoneasr@gmail.com

[**RITA PAULINO**]

Pós-doutora, ex-bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Social Media Lab na Universidade de Ryerson, Toronto, Canadá, em 2020. Concluiu o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, na área de Mídia e Conhecimento, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2011. Atua como Professora no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR-UFSC). E-mail: rcpauli@gmail.com

[**FABIANA PICCININ**]

Professora e pesquisadora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós-Graduação, mestrado e doutorado em Jornalismo da mesma instituição. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), graduada em Jornalismo e licenciada em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). É líder do Grupo de Estudos sobre Narrativas Jornalísticas Audiovisual (Genajor) e bolsista produtividade (CNPq). E-mail: fabiana.piccinin@ufsc.br

Referências

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUHAGIAR, Christian. **The role of environmental, social and governance rating providers for alpha generation in equity markets**: a comparative study. 2023. Dissertação (Mestrado em Finanças e Investimentos) – London School of Business & Finance, London, 2023. Disponível em: <https://financemalta.org/app/uploads/2023/03/The-Role-of-Environmental-Social-and-Governance-Rating-Providers-for-Alpha-Generation-A-Comparative-Study-January-2023-1.1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CANELAS, André. A evolução do conceito de desenvolvimento sustentável e as suas interações com as políticas econômica, energética e ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE P&D EM PETRÓLEO E GÁS, 3., 2-5 out. 2004, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: IBP, 2004. Disponível em: http://www.portalabpg.org.br/PDPetro/3/trabalhos/IBP0111_05.pdf. Acesso em: 29 nov. 2017.

CARVALHO, Francisco Toniolo de. A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável da ONU e seus atores: o impacto do desenvolvimento sustentável nas relações internacionais. **Confluências**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2019.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.

CUNHA, Barbara Kauany de Castro et al. Do Gatekeeping ao Gatewatching no Webjornalismo participativo: relacionamento colaborativo entre imprensa e audiência na produção jornalística no cenário online. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 20., 5-7 jul. 2018, Juazeiro. **Anais [...]**. Juazeiro: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0007-1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. **Leituras do Jornalismo**, Bauru, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>. Acesso em: 15 out. 2023.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2012.

FOLHA ONLINE. Manual da Folha de S.Paulo. **Círculo Folha**, 1996. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_i.htm. Acesso em: 15 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça. Padrões de industrialização, riscos e meio ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.3, n. 2, 1998.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma Teoria Marxista do Jornalismo. Florianópolis: Insular, 1987.

GERN, Augusta; LIMA, Myrian Del Vecchio de. Aprender e ensinar o jornalismo ambiental. In: GIRARDI, Ilza M. et al. (org.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. (Coleção Metamorfose Acadêmica Digital) (E-book). Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023. p. 25-38.

HOLANDA, Juliana Sampaio Pedrosa de; KÄÄPÄ, Pietari; COSTA, Luciana Miranda. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, p. 2-17, 2022.

LINDBORG, Moa. **Making a Global Framework Local**: Challenges and Opportunities in Agenda 2030 Localization. 2019. Tese (Mestrado em Ciência para o Desenvolvimento Sustentável) –Department of Thematic Studies Environmental Change, Linköpings Universitet, Linköping, Sweden, 2019.

LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Professorado**, Granada, v. 10, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>. Acesso em 30 nov. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo com produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? In: CONFERÊNCIA NOS CURSOS DA ARRÁBIDA – UNIVERSIDADE DE VERÃO, Coimbra, 1997. [S. l.]: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

MONTEIRO, Jean. O compromisso do jornalismo com a sustentabilidade. **Observatório da Imprensa**, ed. 789, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/mudancas-climaticas/jornalismo-ambiental/o-compromisso-do-jornalismo-com-a-sustentabilidade/>. Acesso em: 15 out. 2023.

ODM BRASIL. **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. 2013. Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ONU – Organização das Nações Unidas. **An Agenda for Development**: report of the Secretary-General. Nova York: ONU, 1994. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/188719>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ONU BRASIL – Nações Unidas Brasil. **A ONU e o meio ambiente**. 16 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: abr. 2024.

ONU BRASIL – Nações Unidas Brasil. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. [online]: 20---. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAILLET, Mark. **Jornalismo, o quarto poder**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SETTON, Maria da Graça Jacintho; REGO, Teresa Cristina; PEREIRA, Wellington de Carvalho. Lev Vigotski e Pierre Bourdieu: o poder da linguagem. Revista **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano XXVIII, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/211615/196129>. Acesso em: 15 out. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

VICTOR, Cíntia Lima. Jornalismo online, credibilidade & fake news: uma breve análise. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, ano 5, ed. 7, v. 5, p. 81-89, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/jornalismo-online>. Acesso em: 30 nov. 2023.